Em liberdade e O ano da morte de Ricardo Reis: História e literatura em um período repressor

Juliana Prestes de Oliveira¹ e Amanda Laís Jacobsen de Oliveira²

Resumo: Este artigo procura analisar o entrecruzamento entre História e literatura nos romances *Em liberdade* (1981), do escritor brasileiro Silviano Santiago, e *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), do escritor português José Saramago. A análise comparativa se mostra pertinente, tendo em vista que, à medida que os romances se constroem, percebe-se como estava a situação do Brasil e de Portugal, respectivamente, e da literatura em uma época de repressão e censura. Além disso, através da comparação, podemos explicitar e trazer à tona as estratégias linguísticas e a utilização da polifonia, por meio das quais os autores envolvem partes da História que eram deixadas de lado, ou apagadas por aqueles que detêm o poder, permitindo ao leitor o acesso a uma versão diferente dos fatos ocorridos. Para fins de análise, utiliza-se principalmente as leituras de Linda Hutcheon (no que diz respeito à estética do Pós-modernismo), Heloisa Milton (para tratar das relações entre literatura e história), Michael Pollack, Jeanne Marie Gagnebin (os quais relacionam memória, literatura e história), entre outros. Dessa forma, o trabalho procura estabelecer um mapeamento das características discursivas dos dois romances, ambicionando traçar uma relação entre as obras fictícias e as reflexões teóricas, por meio das referências sobre memória, a relação com a H(h)istória, a desconfiança diante das narrativas e a desestabilização do eu; abordando, por isso, a metaficção historiográfica.

Palavras-chaves: Literatura Comparada; História; *Em liberdade*; *O ano da morte de Ricardo Reis*; Regimes políticos.

Abstract: This article intends to analyze the intersection between History and literature in the novels *Em liberdade* (1981), by the Brazilian writer Silviano Santiago and *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), by the Portuguese writer José Saramago. The comparative study, in this case, is suitable because with both novels we can notice what was happening in Brazil as well as in Portugal and with the literature itself in repression and censorship times. Furthermore, by comparing the novels we can show and clarify their linguistic strategies and the polyphony, whereby the authors bring parts of History that were usually let out or erased by the ones in power, allowing the reader to read a different version of the events. In order to analyze the fictions, we read Linda Hutcheon (to talk about Post-Modernism), Heloisa Milton (about the relationship between literature and history), Michael Pollack, Jeanne Marie Gagnebin (who relate memory, literature and history), among another authors. Therefore, this work intends to trace the discursive characteristics of both novels, and it intends to show a relation between the fictional texts and the theoretical reflections, beyond the references about memory, the relation to H(h)istory, the distrust towards the narratives and the destabilization of the identity; and it is way we also approach the historiographical metafiction.

Keywords: Comparative Literature; History; *Em liberdade*; *O ano da morte de Ricardo Reis*; Political regimes.

“[...] um livro pode afetar a consciência – afetar a forma como as pessoas pensam e, portanto, a forma como agem. Os livros criam eleitorados que tem seu próprio efeito na história”
(TRENNER, Richard³, 1983, apud HUTCHEON, Linda, 1991).

¹ Mestranda na pós-graduação em Letras (UFSM)

² Mestranda na pós-graduação em Letras (UFSM)

1 Introdução

Em 1981 o escritor brasileiro Silviano Santiago publicou o seu romance *Em liberdade*. O escritor apresenta, em sua obra, o que seriam as memórias do escritor brasileiro Graciliano Ramos, escritas logo após ter sido liberto da prisão. Período esse no qual o Brasil passava pelo regime governamental e repressor de Getúlio Vargas. Para elaborar sua narrativa, Santiago escreve como se fosse o próprio Graciliano e utiliza estratégias linguísticas para “convencer” o leitor de que o livro se trata de um manuscrito deixado por Graciliano Ramos. Ao dar atenção a esse fato, durante a elaboração desse trabalho, procuraremos analisar e entender o valor e o efeito semântico deste entrecruzamento de vozes, que remonta à história de um escritor que realmente existiu, à H(h)istória do Brasil e à história da literatura nacional. Este entrecruzamento de histórias faz parte do jogo literário elaborado por Santiago, que nos leva a refletir sobre alguns acontecimentos durante o governo de Getúlio Vargas, a formação política do Brasil e a literatura nacional, sua situação e transformações.

Ao mesmo tempo, em 1984, o escritor português José Saramago, no outro lado do atlântico, publicava o seu *O ano da morte de Ricardo Reis*. Para quem sabe que Ricardo Reis, na realidade, na história literária, trata-se de um heterônimo do poeta (também português) Fernando Pessoa, logo pode surgir uma relação específica entre essas duas obras ficcionais. Porquanto que Silviano Santiago empreende o pastiche ao escrever como o escritor brasileiro Graciliano Ramos, José Saramago vai, talvez, ainda mais a fundo, ao escrever a história do último ano de vida de Reis, logo após a morte de seu criador (Fernando Pessoa). Além disso, na ficção de Saramago, a narração da vida de Ricardo Reis se inicia quando esse volta para Portugal, sendo que sua história acaba se entrelaçando com a H(h)istória do país. Ao acrescentar essa informação, vale lembrar que, assim como o Brasil passava por momentos de opressão no governo de Vargas, Portugal enfrentava a ditadura de Salazar. É claro, ao apresentar a sua ficção envolta de fatos históricos e textos metalinguísticos, Saramago também empreende seus jogos literários para ao mesmo tempo envolver e despistar o leitor em seu labirinto narrativo. Sendo assim, uma análise comparativa entre esses dois romances se mostra pertinente não só no que diz respeito às personagens, mas também ao contexto histórico e político de ambas as nações.

³ TRENNER, Richard. (Org.) (1983) E. L. Doctorow: Essay and Conversantion. Princeton, NJ, Ontario Review Press.

Assim, por meio da análise comparativa dos dois romances, podemos perceber algumas das características da literatura contemporânea e algumas das suas diferenças em relação à produção anterior, além de compreendermos a constituição dos ideais políticos das duas nações referidas, considerando ainda a importância da relação histórica, política e cultural entre Brasil e Portugal. Para auxiliar-nos nessa investigação acerca dos acontecimentos históricos no Brasil e em Portugal, e a sua relação com a literatura, utilizaremos as discussões e pensamentos do Pós-Modernismo, principalmente os abordados pela teórica Linda Hutcheon. Ademais, o trabalho trata das relações existentes entre H(h)istória, literatura e memória e, por isso, realiza ainda as leituras de autores como Michael Pollack, Jeanne Marie Gagnebin e Heloisa Milton. Além disso, ao tratar da literatura em épocas delicadas no que se refere à política e à história, faz-se necessário o convite à leitura de Hanna Arendt, que traz a discussão acerca da violência como ferramenta utilizada por regimes opressores.

Dessa forma, o artigo se encontra estruturado de modo a iniciar a discussão a partir das relações entre história e literatura (e, principalmente, entre a ficção). Essa reflexão é ampliada quando abordamos a presença da memória como entrelaçamento entre história e ficção, a fim de revisitar o sentido do discurso histórico. Por meio desse pensamento, somos levados a observar a utilização das diferentes versões providas dos personagens da margem e do centro. É a partir desses relatos, que percebemos a situação pela qual estão passando Brasil e Portugal, e como os regimes opressores estavam instaurados nos dois países. E, ao nos depararmos com esses regimes e os relatos a respeito, entendemos o modo como a violência era utilizada para o controle e a manutenção do poder, por aqueles que estavam no comando dos países. Por fim, a literatura como condição discursiva, também é, inevitavelmente abordada, ao tratarmos desses romances. E, a partir disso, com o desenvolvimento deste trabalho, o texto nos conduz, a tratar da metaficção historiográfica.

2 Literatura e História

Ao observarmos como a nossa H(h)istória e como a sociedade brasileira se encontra hoje, percebemos, por meio dos estudos acerca do Pós-modernismo, “que o mundo mudou de alguma maneira difícil de descrever, mas inconfundível” (LEMERT, 2000, p. 42) e que tudo o que compreendemos por meio da historiografia, como algo que realmente aconteceu, é feito por meio de textos ou discursos. Diante disso, o Pós-modernismo nos leva à reflexão, ao questionamento das verdades consideradas incontestáveis, às investigações crítica e irônica do

passado, da H(h)istória, da arte e da sociedade. No entanto, essas investigações não fornecem respostas, mas nos mostram que nenhum discurso é neutro, pois ele contém ideologias e subjetividade de quem os profere.

Apesar dessa volta ao passado para investigá-lo, não há a destruição da H(h)istória, mas sim uma reavaliação e um questionamento crítico acerca do que aconteceu na sociedade, buscando ouvir as experiências e relatos dos excluídos. Assim, está surgindo uma nova maneira de produzir literatura, com estratégias e construções diferentes, capaz de produzir no leitor um desconforto, uma inquietação, levando-o a ser mais reflexivo e capaz de buscar identificar aquilo que está subentendido nos textos.

Essas reflexões e estratégias são abordadas por Silviano Santiago na obra *Em liberdade* (1981). Ele envolve o leitor com sua narrativa cheia de comentários, notas de rodapés e acontecimentos, locais e personagens na tentativa de convencer o leitor sobre o enredo. Ele constrói uma narrativa como se o livro realmente fosse um manuscrito deixado por Graciliano Ramos – sendo que esse seria, então, o verdadeiro autor – enquanto Santiago simplesmente o teria organizado e publicado. Esse jogo, talvez, seja para mostrar que devemos estar atentos diante dos discursos aos quais somos expostos, pois há sempre uma intencionalidade, mesmo que inconsciente, por parte do autor ou de uma ideologia.

Em liberdade foi publicado em 1981⁴. Sua história se passa na década de 30 na cidade do Rio de Janeiro e nos mostra o período no qual o Brasil enfrenta o governo opressor de Getúlio Vargas. Nele, o escritor narra a que teria sido a história da vida do escritor Graciliano Ramos, após ser libertado da prisão. Ao fazê-lo, utiliza-se do pastiche, escrevendo como se ele próprio fosse Graciliano. Além disso, a data de publicação do romance não deve passar despercebida, pois, a partir dela, se estabelece a primeira relação entre o romance de José Saramago, que foi publicado também na década de 1980, mais especificamente em 1984. Talvez, essa contemporaneidade entre os dois, também retrate certo relacionamento dos próprios escritores – Santiago e Saramago – com governos opressores; no caso do Brasil, a Ditadura Militar de 1964, e de Portugal, os resquícios do salazarismo, que perdurou até a década de 1970. Desse modo, se estabelece a relação com o contexto histórico, social e político de ambos os países e escritores. Ainda, é importante perceber, que a proximidade entre as datas de publicação, pode revelar a mudança que se efetiva na compreensão e construção do texto literário.

⁴ Para elaboração desse trabalho utilizamos a 4ª edição da obra publicada em 1994.

A partir disso, através do enredo e dos personagens de *Em liberdade, a priori*, podemos dizer que a obra de Santiago nos revela a situação do nosso país naquela época – como era o modo de governar e a política empregada por Getúlio Vargas. Para tanto, o autor convoca inúmeros discursos, provindos de diferentes fontes, a fim de elaborar um conjunto de diversas versões acerca do mesmo acontecimento histórico, nos proporcionando a oportunidade de vermos como a história pode ser diferente dependendo de quem a está contando. Essa é justamente uma das estratégias – presentes no Pós-modernismo – utilizada pelo escritor, ou seja, o uso de várias vozes, “as múltiplas vozes no texto”, abordadas por Linda Hutcheon, em seu texto *Poética do Pós-Modernismo* (1991, p.165). Desse modo, encontramos a descentralização do discurso, o dá a oportunidade para o marginalizado falar, pois, assim como afirma David Harvey, ao tratar da discussão da identidade na Pós-modernidade, “todos os grupos têm o direito de falar por si mesmo, com sua própria voz, e de terem aceita essa voz como autêntica e legítima” (2012, p. 52) e, assim, ele nos apresenta as inúmeras versões do mesmo fato, permitindo a reavaliação do passado.

É possível dizer que essa reavaliação do passado segue, na maioria das vezes, atrelada à atenção com aquele que antes era marginalizado, tendo o seu discurso “apagado” pelos discursos históricos considerados oficiais. A isso se deve a importância de permitir que o excluído (ou seja, aquele que não se encontra no centro social), tenha também vez e voz na construção do discurso histórico.

Na obra de Santiago, esse ex-cêntrico é retratado pela figura do próprio protagonista, visto que Graciliano Ramos é, no caso, um ex detento, escritor (lembrando que essa profissão não era reconhecida na sociedade) e nordestino, vivendo no Rio de Janeiro (cidade que pode ser considerada “centro”). A partir da convocação de seus relatos, podemos ir remontando a constituição da nossa sociedade. Como na sua fala, que revela como as pessoas mais humildes eram vistas pelos que estão no centro, no poder:

Pretendo apenas desvencilhar-me da comparação e da interpretação dadas ao vagabundo pela burguesia, para poder melhor considerá-lo. [...] A família pobre, em virtude de um sistema político daninho e equivocado, que não consegue enxergá-la, não tem um lugar ao sol nas distribuições de renda. (SANTIAGO, 1994, p. 74-75).

Há assim, a denúncia através da voz daquele que sofreu com a ditadura, construindo uma nova versão da história, e é isso que o texto pós-moderno quer, “pôr a nu o não-dito por trás do que foi dito, buscar o silenciado (reprimido) sob o que foi falado” (SANTOS, 2004, p.71), como quando o personagem José Lins do Rego fala da postura adotada pelo governo brasileiro: “Graça, você precisa compreender que este país é uma bagunça geral. Nada aqui se

sustenta dentro de uma ética rigorosa. É sempre um jogo de interesse vergonhoso, mesquinho e camuflado” (SANTIAGO, 1994, p.139); ou quando Heloísa comenta sobre a maneira que os poderosos tratavam aqueles que apresentavam algum tipo de ameaça: “Essa esculhambação brasileira é péssima. [...] porque um ministro pode mandar uma pessoa com quem conversa para a prisão sem motivo algum a não ser os que possam passar pela sua cabeça desvairada” (SANTIAGO, 1981, p. 141). Dessa maneira, temos quatro vozes diferenciadas que denunciam: Graciliano (do qual já explicitamos a condição anteriormente), José Lins do Rego (que, apesar de escritor, pode ser considerado do centro, devido à sua condição financeira e seu reconhecimento como intelectual brasileiro), Heloísa (aqui, como personagem marginalizada, por ser mulher e nordestina, também vivendo no Rio de Janeiro) e, não pode-se evitar, a voz de Silviano Santiago.

No caso d’*O ano da morte de Ricardo Reis*, publicado primeiramente em 1984⁵, o protagonista procura não se envolver com os principais acontecimentos do país, preferindo, mesmo, observar o “espetáculo do mundo”. No entanto, da mesma forma, há um momento em que, de repente, encontra-se envolvido com o governo opressor, o que se inicia quando ele recebe uma contrafé convocando-o: “É na manhã de quarta-feira que vêm trazer uma contrafé a Ricardo Reis. Levou-lha o próprio Salvador, em mão de gerente, dada a importância do documento e a sua proveniência, a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado” (SARAMAGO, 2001, p. 171). O mistério e o nervosismo por parte do protagonista ainda aumentam quando “Ficou Ricardo Reis a saber que a polícia onde terá de apresentar-se na segunda-feira é lugar de má fama e de obras piores que a fama, coitado de quem nas mãos lhe caia, ele são as torturas, ele são os castigos, ele são os interrogatórios a qualquer hora” (SARAMAGO, 2001, p. 174). A partir desse momento, dá-se novamente uma relação entre as duas obras ficcionais; pois, ainda que, sendo os dois personagens principais escritores, apesar de opostos, no que se refere à sua posição econômica e social, ambos são, desprevenidamente, envolvidos com os governos opressores. O que revela uma certa concordância com relação aos contextos sociais e políticos dos países e personagens.

Esses fragmentos de ambas as ficções e as reflexões deles provindas, trazem à tona a o tema da memória nas narrativas. Nesse caso, a memória é convocada para construir um enredo que exponha outras versões possíveis da História, principalmente quando essas memórias são de alguém que vivenciou experiências que poderiam remontar o histórico de uma nação. Ademais, como comentado anteriormente, a identidade do sujeito é um tema caro

⁵ Para a realização deste trabalho, utilizaram-se duas versões de *O ano da morte de Ricardo Reis*: sendo uma publicada em 2001 e outra em 2010.

ao Pós-Modernismo, e ele vem acompanhado da memória, tratando-se, assim, de uma discussão pertinente. Por isso, recorremos à leitura de Michael Pollak no texto *Memória e identidade social* (1992), onde o autor nos fala que as memórias individuais aliadas às memórias coletivas contribuem para o entendimento e construção da identidade de um povo. Além disso, os acontecimentos históricos, as datas importantes para a humanidade, também contribuem para a formação da memória coletiva. A partir das memórias individuais e coletivas é construída a memória Histórica e Política de uma nação, e, nesse caso em específico, das duas nações. Sendo que mesmo o próprio Ricardo Reis, tendo ido embora do Brasil à Portugal há pouco tempo, menciona as terras brasileiras.

Então, podemos relacionar as memórias de Graciliano criadas por Santiago para remontar uma parte da H(h)istória do Brasil, e, conseqüentemente, a identidade da nação. O mesmo pode ser dito em relação às memórias de Ricardo Reis e de Fernando Pessoa – reveladas pelo narrador – na ficção de José Saramago. E, desse modo, constroem-se as identidades individuais e nacionais, a partir de visões diferentes, novas versões de algo que acontecera. Segundo Jeanne Marie Gagnebin, em “Verdade e memória do passado” (1998), a memória é muito importante para analisarmos a relação entre o presente e o passado, e um modo de reavaliarmos a H(h)istória, além da relevância da memória e de escrevê-las para não deixar que acontecimentos caíam no esquecimento, e como esses relatos podem auxiliar nos estudos acerca das verdades dos fatos. Destarte, possivelmente, os textos de Santiago e Saramago buscam revisitar o passado com o intuito de revelar a instabilidade da “verdade” absoluta dos discursos oficiais. Essa problematização das “verdades”, talvez sirva para repensar e avaliar também o presente, e é aí que entra a relação paradoxal existente entre presente e passado, abordada por Gagnebin.

Pensando nisso, *Em liberdade* nos permite voltar ao passado e rever os acontecimentos através de uma perspectiva diferente, um Brasil remontado por meio das lembranças de quem sofreu na pele a violência e os desmandos daqueles que estavam no poder, e através daqueles que estavam direta ou indiretamente ligados ao protagonista. Enquanto *O ano da morte de Ricardo Reis* reconstrói fatos históricos ao passo que o personagem principal tenta evitá-los, ficando ao longe, apenas a observar. No entanto, parece que a História tenta sempre envolvê-lo, de uma forma ou de outra.

Ao longo de nosso estudo, percebemos como se torna inevitável tratar da H(h)istória ao realizar a análise dos romances através do que, aqui, chamamos de Pós-Modernismo. Sendo assim, faz-se necessário realizar a abordagem com a mediação da leitura de autores como Heloisa Costa Milton, que afirma que “[...] as criações ficcionais também servem como

testemunhos de épocas para interpretação histórica e que, entre os dois universos, cada qual orientado por suas próprias leis, impõem-se canais de negociação que se abrem ao estabelecimento de múltiplos sentidos” (2012, p. 9-10). Assim, quando Santiago e Saramago, como autores, mesclam suas experiências com as que seriam de Graciliano, Ricardo Reis e ainda Fernando Pessoa, e com as dos demais personagens, temos um leque de pontos de vista, e, desse modo, vemos que aqueles discursos oficiais tidos como verdadeiros podem não o ser; e por isso devem ser reavaliados, pois a linguagem é também utilizada como “[...] uma prática social, um instrumento para manipulação e controle” (HUTCHEON, 1991, p. 237). Situação essa que pode ser ilustrada pela seguinte fala do Graciliano de Santiago:

Tarefa ingrata a do historiador que se interessa pelos acontecimentos que se passaram durante anos de repressão e de perseguição. Resta-lhe a análise de documentos que nem sempre são dignos de confiança. O historiador é obrigado a contestar a “verdade” do documento, entrando em choque com eruditos que acreditam piamente na letra (SANTIAGO, p. 237, grifo do autor).

No caso do romance de Saramago, observa-se essa característica em um momento em que Lídia, a camareira de hotel com quem Reis mantinha um relacionamento, põe em dúvida, diante de uma conversa com o próprio, os discursos dos jornais portugueses:

Está no jornal, eu li, Não é do senhor doutor que eu duvido, o que meu irmão diz é que não se deve fazer sempre fé no que os jornais escrevem, Eu não posso ir a Espanha ver o que se passa, tenho de acreditar que é verdade o que eles me dizem, um jornal não pode mentir, seria o maior pecado do mundo, O senhor doutor é uma pessoa instruída, eu sou quase uma analfabeta, mas uma coisa eu aprendi, é que as verdades são muitas e estão umas contra as outras, enquanto não lutarem não se saberá onde está a mentira [...], Sempre me respondes com as palavras do teu irmão, Sempre me respondes com as palavras dos jornais (SARAMAGO, 2010, p. 400).

Com esse excerto, vê-se que a própria Lídia sabe que devemos desconfiar dos discursos tidos como verdadeiros e oficiais, ou seja, dos princípios antes conhecidos como certezas.

Esse emprego da memória e da identidade do marginalizado, implica uma desconfiança diante dos discursos, empreendida pelas obras como um relato de denúncia. No caso do romance de Santiago trata-se da violência e opressão cometida pelo regime Vargas, através da fala de Graciliano, que deixa mais claro o modo como o Brasil estava sendo governado nessa época:

Eu mesmo fui vítima dessas forças ocultas. Fiquei quase um ano inteiro preso; tenho os diversos membros da minha família dispersos pelos quatro cantos; fui enviado como um saco de batatas para lugares terríveis, e no final descobre que não existe ordem alguma de prisão contra a minha pessoa [...] (SANTIAGO, 1994, p. 87).

Já a denúncia empreendida pela narração de Saramago é muito mais metalinguística, revelando as fraquezas, ambiguidades e a arbitrariedade da linguagem como representação.

Como pode ser observado no momento em que Ricardo lê jornais com informações acerca do falecimento de Fernando Pessoa:

[...] foi ontem a enterrar, surpreendeu-o a morte num leito cristão do Hospital de S. Luís, no sábado à noite, na poesia não era só ele, Fernando Pessoa, ele era também Álvaro de Campos, e Alberto Caeiro, e Ricardo Reis, pronto, já cá faltava o erro, a desatenção, o escrever por ouvir dizer, quando muito sabemos, nós, que Ricardo Reis é sim este homem que está lendo o jornal com os seus próprios olhos abertos e vivos, médico, de quarenta e oito anos de idade, mais um que a idade de Fernando Pessoa quando lhe fecharam os olhos, esses sim, mortos, não deviam ser necessárias outras provas ou certificados que não se trata da mesma pessoa, e se ainda aí houver quem duvide, esse vá ao Hotel Bragança e fale com o senhor Salvador, que é o gerente (SARAMAGO, 2010, p. 32).

Destarte, explicita-se o fato de que a instabilidade dos discursos é resultado da presença, inevitável ou proposital, de subjetividades e controles ideológicos, mostrando que nem sempre se fala realmente de tudo aquilo que acontece (ou aconteceu). Portanto, essa problematização é instaurada de modo que o leitor reflita e perceba que “[...] não é por não se falar das coisas que elas não existem” (SARAMAGO, 2001, p. 171).

Se a problematização implica a desconstrução dos discursos, compreende também a desestabilização dos próprios personagens – percebendo que ambas as obras, como mencionado anteriormente, tratam das discussões referentes à identidade – sendo que Graciliano comenta que a única maneira que encontra para tentar se libertar das lembranças que o atormentam seria escrever: “O único motivo [...] que vejo no momento para poder deitar as minhas frases no papel é que quero não sentir o meu corpo. [...] elas camuflam um corpo dolorido que não quer pensar nas dores sofridas que castigam os sentidos e a memória.” (SANTIAGO, 1994, p. 22). Esse também seria um modo de não deixar que isso caísse no esquecimento, e permitisse ao leitor ler sobre esse período através de outros discursos que não o oficial.

Essa angústia e a desconstrução do sujeito podem ser observadas no livro de Saramago em vários momentos, como quando Fernando Pessoa (fantasma) conversa com Ricardo Reis, refletindo: “Quem estiver a olhar para nós, a quem é que vê, a si ou a mim. Vê-o a si, ou melhor, vê um vulto que não é você nem eu, Uma soma de nós ambos dividida por dois [...] E no entanto somos múltiplos, Tenho uma ode em que digo que vivem em nós inúmeros” (SARAMAGO, 2001, p. 93). Pode-se perceber que, assim como no personagem de Graciliano, as reflexões vêm acompanhadas das discussões metalinguísticas: “E voltou a ler, a escrever versos, senão a emendá-los, rasgou alguns que não valia a pena guardar, só a palavra é a mesma, não o que significa” (SARAMAGO, 2001, p. 346). “[...] lê aqui e além, e a si mesmo pergunta se é ele, este, o que escreveu, porque lendo não se reconhece no que está escrito, foi outro desprendido, calmo e resignado homem [...]” (SARAMAGO, 2001, p. 224).

Dessarte, chamamos a atenção para uma das ferramentas mais discutidas pelo Pós-Modernismo: a, nomeada por Linda Hutcheon, “metaficção historiográfica”. As metaficções historiográficas seriam, então, aqueles romances auto-reflexivos que, de maneira paradoxal, se apropriam de acontecimentos e personagens históricos, problematizando a sua própria condição de ficção (HUTCHEON, 1991, p. 21). Na realidade, esses romances, são caracterizados, inclusive, por elementos discutidos neste artigo, entre eles a memória, a história, a identidade e a metalinguagem, por isso a necessidade da menção e definição do que é a metaficção historiográfica.

A partir disso, com os excertos fictícios elencados até então e sua relação com o estudo teórico, resultantes do caminho percorrido pela pesquisa, percebe-se como o discurso histórico e/ou fictício, não só revela a angústia do sujeito, como também o desestabiliza, sendo que, dessa forma, acompanhamos suas sensações ao perceberem-se divididos, fragmentados. Além disso, a sua subjetividade é sempre atrelada aos fatos históricos, principalmente quando o Graciliano de Santiago traz em suas memórias a violência exercida pelo governo ditador, o que nos explicita a relação existente entre violência e poder. Como Hannah Arendt aborda em seu texto *Da violência* (1985), a violência e o poder não são a mesma coisa, porém, a violência pode ser utilizada quando quem está no poder se sente ameaçado, sente que poderá perder o controle e, assim, utiliza-se da violência para reprimir aqueles que são oposição ou pensam diferente, desse modo a violência passa a ser um instrumento para causar medo e assegurar que o controle permaneça com quem o possui. Por isso, tanta violência foi cometida durante os regimes ditatoriais, pois ela é a base desse tipo de governo, e por isso tantas pessoas sofreram o mesmo que Graciliano sofreu. E, por meio dessa violência empregada, muitos se calaram diante do que acontecia, como diz Graciliano: “Percebo, de maneira concreta, o que conseguem: o silêncio do indivíduo. Pior: o silêncio de muitos indivíduos ao mesmo tempo. Trágico: uma sociedade civil silenciosa” (SANTIAGO, 1994, p. 194). Isso nos leva a ver um dos papéis da literatura: o seu caráter de denúncia e de trazer à tona fatos que os que detêm o poder tentam camuflar; tendo em vista principalmente que a linguagem, que é usada para o controle ideológico do poder, também é utilizada para desconstruir esses fundamentos:

[...] voltando ao Salazar, quem diz muito bem dele é a imprensa estrangeira, Ora, são artigos encomendados pela propaganda, pagos com o dinheiro do contribuinte, lembro-me de ouvir dizer, Mas olhe que imprensa de cá também se derrete em louvações (SARAMAGO, 2010, p. 283).

A partir disso, é possível inferir que o autor tenta trazer à tona o fato de que qualquer discurso carrega sentidos implícitos, sendo esses conscientes ou inconscientes.

A metaficção historiográfica é percebida mais claramente na obra *Em liberdade* quando Graciliano Ramos reflete sobre o que o relato escrito da sua experiência na prisão pode causar:

Outros mais audaciosos, não satisfeitos com as minhas narrativas orais [...] exigiam que o fizessem por escrito. Seria o documento definitivo contra a caça dos comunistas no Brasil. [...] finalmente teríamos o retrato fiel da intolerância política dos poderosos por alguém que a tinha sofrido na própria pele [...] (SANTIAGO, 1994, p. 59).

Por isso, como afirma Hutcheon (1991), a metaficção historiográfica analisa e questiona a fundamentação do conhecimento com base no passado e declara que a história e a ficção são discursos humanos, desse modo, ambas podem ser verdadeiras. Aliadas a isso existem a discussão e a reflexão sobre a literatura, as mudanças que essa está sofrendo, os problemas pelos quais está passando, e o seu futuro. É a literatura falando da sua própria história, visto que a própria literatura também repensa seus limites, bem como o autocentrismo da linguagem leva o leitor a refletir sobre a crise da representação.

Também, podemos destacar, na obra de Saramago, um diálogo do fantasma de Fernando Pessoa com Ricardo Reis, onde há um trecho de um poema de Pessoa, problematizando novamente a representação:

Você disse que o poeta é um fingidor, [...] o pior é que morri antes de ter percebido se é o poeta que se finge de homem ou o homem que se finge de poeta, Fingir e fingir-se não é o mesmo, Isso é uma afirmação ou uma pergunta, É uma pergunta, Claro que não é o mesmo, eu apenas fingi, você finge-se [...] Diga-me só uma coisa, é como poeta que eu finjo, ou como homem, O seu caso, Reis amigo, não tem remédio, você, simplesmente, finge-se, é fingimento de si mesmo, e isso já nada tem a ver com o homem e com o poeta (SARAMAGO, 2010, p. 115-116).

Ambos os excertos trazem reflexões provenientes da escrita de si, ou seja, a discussão do papel do discurso na formação da identidade do indivíduo. Sendo que Graciliano Ramos repensa sua vida, seu papel como escritor e o rumo que a literatura estava seguindo, através de falas como essa: “Não existe, para mim, outra maneira que não essa de ganhar dinheiro no Rio de Janeiro. [...] sei escrever; gosto de literatura. Queria escrever romances e viver deles. A literatura não dá dinheiro no Brasil” (SANTIAGO, 1994, p. 193).

Ao fazer essa reflexão da escrita de si, os dois escritores acabam por repensar a escrita e o papel da literatura, através da metalinguagem. E é através do tratamento dos outros personagens para com Ricardo Reis que vemos a realidade da literatura, o descaso que essa e

quem a produzia eram tratadas, pois os outros apenas o tratavam por doutor por ser ele um médico e não por reconhecê-lo poeta:

O meu nome é Salvador, sou o responsável do hotel, o gerente, precisando o senhor *doutor* de qualquer coisa, só tem que me dizer, A que horas se serve o jantar, O jantar é às oito, senhor *doutor*, espero que a nossa cozinha lhe dê satisfação, temos também pratos franceses. O *doutor* Ricardo Reis admitiu com um aceno de cabeça [...] (SARAMAGO, 2010, p. 17, grifo nosso).

A metalinguagem, então, vem para entrelaçar as discussões acerca da H(h)istória, da memória, da identidade e da literatura, fazendo um compêndio dos temas abordados com a comparação dos romances no presente trabalho.

Desse modo, com o desenrolar das obras, ambos os autores procuram instigar no leitor a uma criticidade, para que assim ele perceba a obra e a literatura em si com um olhar mais consciente. A isso também se dá a importância da discussão metalinguística nas narrativas.

Sendo assim, por meio desse estudo comparativo, notamos uma literatura contemporânea rica em significados, que busca mostrar aquilo que nunca tinha sido revelado, tentando transformar o leitor em alguém capaz de ver o que há por trás dos textos, que busque verificar os discursos que lhe são apresentados como única verdade, sendo mais crítico e reflexivo. E, dessa forma, acabe agindo na sociedade, como ser transformador, para que a população deixe de ser facilmente manipulada por aqueles que estão no centro, detendo o poder.

Além disso, percebemos quão estreita e importante é a relação entre a literatura, a H(h)istória e a Política, e como a os acontecimentos de uma época podem influenciar na produção literária.

3 Considerações finais

Diante da gama de informações que nos é transmitida durante toda a nossa existência e da situação da sociedade brasileira, vê-se a necessidade de um olhar atento que se volte para a construção da nossa História, observando os acontecimentos políticos e revolucionários e como isso pode ter influenciado na formação da nossa identidade e da nossa literatura. Além disso, deve-se impulsionar um questionamento sobre o que antes tínhamos como pressuposto de verdade única e inquestionável, de história oficial imutável. Por meio dessa reflexão, percebemos que a verdade nos chega somente através de textos, discursos que já possuem uma (ou várias) ideologia e interesses. Ao reavaliar os acontecimentos históricos detalhadamente de forma crítica e questionadora mergulhamos nos vários níveis discursivos.

A partir disso, vemos como os autores Silviano Santiago e José Saramago trabalham a construção dos discursos em sua obra. Ambos elaboram uma narrativa que conduz o leitor a questionar aquilo que lhe é dado como acontecimento real e verdadeiro. Porque, o escritor contemporâneo almeja um leitor que perceba o texto como uma transformação, podendo torná-lo um cidadão mais consciente e crítico, menos contemplativos e mais participativos como sujeitos históricos.

Além disso, *Em liberdade* e *O ano da morte de Ricardo Reis* são obras repletas de aspectos que marcam o discurso da Pós-modernidade, que buscam inovar a maneira de escrever e de pensar literatura, partindo do passado, revendo, reconstruindo e comparando a história e a literatura, para que novas ideias e temas surjam nas próximas obras; ajudando na criação de uma sociedade atenta, capaz de entender que não há discurso neutro.

Para isso, alguns artifícios são utilizados por Santiago e Saramago na elaboração de seu romance, entre eles o jogo de vozes, tempos e textos que o caracterizam. Com base nessas e em outras abordagens teórico-críticas e na análise comparativa dos romances, constatamos que os autores constroem um texto que traz à tona, por meio da polifonia, inúmeras versões da mesma história, questionando o caráter axiomático do discurso oficial e revelando as múltiplas e conflituosas ideologias que atravessam a representação desses tempos históricos/literários. E também, o papel de denúncia que a literatura pode proporcionar e as reflexões acerca da História e da sociedade.

Referências

ARENDT, Hannah. *Da violência*. Trad. Maria Clara Drummond. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1985.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e memória do passado. *História*. São Paulo. 1998.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural*. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 21ª ed. São Paulo: Loyola, 2011.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo: história – teoria – ficção*. Tradução: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LEMERT, Charles. *Pós-modernismo não é o que você pensa*. Tradução: Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 2000.

MILTON, Heloisa Costa. A literatura lê a história, a história não deixa de ler a literatura. In: FIORUCI, Wellington Ricardo; FIORUCCI, Rodolfo. (Org.). *Vestígios de memória: diálogos entre literatura e história*. Curitiba, PR: CRV, 2012. p. 9-14.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SANTOS, Jair Ferreira. *O que é Pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SANTIAGO, Silviano. *Em liberdade*. 4^a ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SARAMAGO, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*. 9. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SARAMAGO, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*. 2. ed. 5. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.